

# DICTIONNAIRE HISTORIQUE ET CRITIQUE

PIERRE BAYLE

TRADUÇÃO DE MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO \*

## I. ESCLARECIMENTO

*A Observação que foi feita sobre os bons costumes de algumas pessoas que não tinham nenhuma religião não pode causar prejuízo à verdadeira fé, e nem aí perturbar.*<sup>1</sup>

Os que se escandalizaram com o que eu disse que existiram Ateus e Epicuristas, que ultrapassaram em bons costumes a maior parte dos Idólatras, estão convocados a bem refletirem sobre todas as considerações que eu estou me propondo. Se o fizerem, seu escândalo eclipsar-se-á e desaparecerá completamente.

I. O medo e o amor pela Divindade não são de modo algum a única causa das ações humanas. Existem outros princípios que fazem o homem agir: o amor pelo louvor, o medo da infâmia, as disposições do temperamento, as penas e as recompensas propostas pelos Magistrados, têm muita atividade sobre o coração humano. Se alguém duvida, é preciso que ignore o que se passa nele, e o que o curso ordinário do mundo lhe coloca sob os olhos a cada momento. Mas não há sinal de que alguém seja tão estúpido para ignorar tal coisa. Pode-se então colocar, entre as noções comuns, o que estabeleci no tocante às outras causas das ações humanas.

II. O medo e o amor pela Divindade não são sempre um princípio mais ativo que todos os outros. O amor pela glória, o medo da infâmia, ou da morte, ou dos tormentos, a esperança de um Cargo, agem com mais força sobre certos homens, que o desejo de agradar a Deus e que o medo de violar seus Mandamentos. Se alguém duvida, ignora uma parte de suas ações, e nada

\* Mestre em FILOSOFIA pela UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA.

<sup>1</sup> Texto traduzido de:

BAYLE, Pierre. *Dictionnaire historique et critique*. Quatrième édition, revue, corrigée et augmentée, avec la vie de l'auteur par M. Des Maiseaux. 4 vols. Amsterdam: P. Brunel; R. et J. Wetstein, G. Smith, H. Waesberge; P. Humbert; F. Honoré. p. 627-629.

sabe do que se passa diariamente sobre a terra. O mundo está cheio de pessoas que acham melhor cometer um pecado a desagradar um Príncipe que arruíne sua fortuna. Assinam-se todos os dias Formulários de Fé contra a consciência, a fim de salvarem seus bens; ou de evitarem a prisão, o exílio, a morte, etc. Um soldado que tudo abandonou por sua Religião, e que se vê na alternativa, ou de ofender Deus quando se vinga de uma afronta, ou de passar por um frouxo se não se vinga, não descansa até ter recebido satisfação dessa ofensa, mesmo correndo o risco de matar, ou de ser morto em uma situação que será seguida da condenação eterna. Não há nenhum sinal que alguém seja tão estúpido para ignorar tais fatos. Coloquemos então entre as noções comuns este Aforismo de Moral, *O medo e o amor pela Divindade nem sempre são o princípio mais ativo das ações do homem*.

III. Sendo assim, não é preciso considerar como um escandaloso Paradoxo, mas antes como uma coisa bastante provável, que pessoas sem Religião sejam mais propensas aos bons costumes pelas causas do temperamento acompanhadas do amor pelos elogios, e sustentadas pelo medo da desonra, do que outras pessoas levadas pelo instinto da consciência.

IV. O escândalo deveria ser muito maior quando se vê tantas pessoas persuadidas das verdades da Religião e mergulhadas no crime.

V. É mesmo mais estranho que os idólatras do Paganismo tenham feito boas ações, de que seja estranho que Filósofos Ateus tenham vivido como pessoas honestas: porque esses Idólatras deveriam ser levados ao crime por sua própria Religião; deveriam acreditar que a fim de se tornarem os imitadores de Deus, era preciso que eles fossem patifes, invejosos, fornicadores, adúlteros, pederastas, etc.

VI. De onde se pode concluir que os Idólatras, que viveram honestamente, só eram guiados pelas idéias da Razão e da honestidade, ou pelo desejo dos elogios,

ou pelo temperamento, ou por tais outros princípios que podem ser encontrados nos Ateus. Por que então esperar-se-ia encontrar mais virtude sob a Idolatria Pagã, do que sob a Irreligião?

VII. Observai bem, se vos apraz, que falando dos bons costumes de alguns Ateus, de modo algum lhes atribuí verdadeiras virtudes. Sua sobriedade, sua castidade, sua probidade, seu desprezo pelas riquezas, seu zelo pelo bem público, sua inclinação a render boas ações a seu próximo, não procederiam do amor a Deus nem tenderiam a honrá-lo ou a glorificá-lo. Estariam nelas mesmas a sua origem e o seu fim; o amor-próprio seria a base, o termo, toda a análise. Sê-lo-iam somente pecados gloriosos, *splendida peccata*, como Santo Agostinho disse de todas as belas ações dos Pagãos. Isso não é de modo algum ferir as prerrogativas da verdadeira Religião dizer de alguns Ateus o que eu disse. É sempre verdadeiro que as boas obras só são produzidas por motivos espirituais. E que importa que os Sectários dos falsos Deuses não sejam mais sábios nas ações de suas vidas do que aqueles que não têm Religião alguma? Que vantagem aparecer-lhe-ia de que os adoradores de Júpiter e de Saturno não estariam tão penetrados na via da perdição do que os Ateus?

VIII. Se os que se escandalizaram pretenderam que não é possível louvar os bons costumes de Epicuro, sem pretender que, no que diz respeito à boa vida, é tudo a mesma coisa, não ter Religião ou professar uma Religião, seja ela qual for; eles ignoraram a arte das conseqüências e não entenderam nada do que estava em questão. Eu somente comparei o Ateísmo com o Paganismo. Assim a verdadeira Religião é incomparável e fora de discussão. Só se trata das Religiões introduzidas e fomentadas pelo Demônio; trata-se de ver se os que têm professado um culto tão infame em sua origem e em seus progressos como aqueles, foram mais regulares na prática dos bons costumes que os Ateus. Suponho como um ponto indubitável e plenamente decidido, que na verdadeira Religião, há não somente mais virtude que em qualquer lugar, mas que fora dessa Religião não há verdadeira virtude, tampouco *frutos de justiça*. De que serve então fazer parecer que se tema que eu não ofenda essa verdadeira Religião? Está ela interessada no mal que pode ser dito da falsa? E não se deve então apreender que esse grande zelo que é testemunhado não escandaliza as pessoas de bom senso, que verão que é fazer o difícil<sup>2</sup> em favor

de um culto detestado por Deus e gerado pelo Demônio, assim como o reconhecem todos os nossos Doutores em Teologia?

IX. Eu não poderia achar ruim que se murmurasse, se eu tivesse feito um Romance o qual os personagens fossem virtuosos e sem Religião; porque como eu seria o mestre de suas ações e de suas palavras, eu teria a liberdade de enforcá-los conforme o gosto dos Leitores mais escrupulosos: mas meu *Dicionário* é uma Obra Histórica, não tenho de modo algum o direito de representar as pessoas como desejar-se-ia que elas fossem, é preciso que eu as represente como elas foram; não posso suprimir nem suas faltas nem suas virtudes. Visto então que eu só avanço sobre os costumes de alguns Ateus com o que relataram os Autores que citei, não se tem razão de se chocar com minha conduta. Somente é preciso, para fazer os Censores refletirem por eles mesmos, perguntar-lhes se eles crêem que a supressão dos fatos verdadeiros é dever do Historiador. Estou seguro de que eles jamais assinariam uma tal Proposição.

X. Não é que eu não creia que existam pessoas bastante ingênuas para confessarem que uma verdade de fato deva ser suprimida por um Historiador, visto que ele é capaz de diminuir o horror do Ateísmo e a veneração que se tem pela Religião em geral. Mas suplico-lhes muito humildemente a achar bom que eu continue a crer que Deus não tem necessidade desses artificios de Retórica, e que se pode ter lugar em um Poema ou em uma Peça de Eloquência, não se segue que eu teria de adoptá-los em um Dicionário Histórico. Eles permitir-me-ão dizer-lhes que basta trabalhar para a boa Religião; porque tudo que se fizesse pela Religião em geral, serviria ao Paganismo como ao Cristianismo.

XI. Eu seria tanto mais censurável em suprimir as verdades as quais se lamenta, que além disso eu teria agido contra as Leis fundamentais da Arte Histórica, teria eclipsado coisas que são, no fundo, bastante vantajosas ao verdadeiro sistema da Graça. Mostrei alhures<sup>3</sup> que nada é mais apropriado para provar a corrupção do coração do homem, esta corrupção naturalmente invencível, somente superável pelo Santo Espírito, do que mostrar que os que não têm parte nos recursos sobrenaturais, são também maus sob a prática de uma religião como os que vivem no Ateísmo. Aqui acrescento que não saber-se-ia mais agradar aos

<sup>2</sup> "Faire le délicat", no original. (N. do T.)

<sup>3</sup> (I) Ver os Pensamentos diversos sobre os Cometas, p. 437, 490, 599 e as Adições a esses Pensamentos, p. 58, 110 (N. do A.).

Pelagianos, do que dizer que o medo pelos falsos Deuses pôde levar os Pagãos a corrigirem algum vício: porque se do temor de atribuir para si a maldição celeste eles puderam abster-se do mal, puderam também chegar à virtude pelo desejo das recompensas espirituais, e a fim de procurar o amor de Deus; isto é, que eles poderiam não somente temer, mas também amar a Divindade e agir por esse bom princípio. As duas asas com que se move o homem são o temor do castigo e o desejo pela recompensa: se ele pode ser movido por este, pode ser movido por aquele: não saberíamos de bom grado admitir uma dessas coisas sem rejeitar a outra.

XII. Se algumas pessoas mais que ordinariamente eqüitativas e esclarecidas, alegassem, como única razão de seu escândalo, a afetação com a qual lhes parece que mostrei a meus Leitores a boa vida dos Ateus, eu pediria para considerarem que no caso da afetação o qual se trata é bastante desculpável, e que ele pode mesmo passar por um motivo de instrução. Para bem entender isso, basta lembrar de um episódio de meu Tratado sobre os Cometas. O verdadeiro objetivo dessa Obra era o de refutar por uma razão Teológica o que ordinariamente se diz sobre os presságios dos Cometas<sup>4</sup>. A necessidade de fortalecer essa razão empenhara-me no paralelo entre o Ateísmo e o Paganismo; porque sem isso minha prova seria exposta a uma Objeção a qual eu seria incapaz de persuadir o que eu precisava provar<sup>5</sup>. Precisaria então, ou deixar uma brecha aberta, ou refutar as razões daqueles que dizem que a Idolatria dos Pagãos não era um mal tão grande como o Ateísmo. Todo o sucesso do combate dependia muito desse ataque; assim, na ordem da Disputa, e por todos os direitos que pertencem a um Autor, eu podia e devia me prevalecer de tudo que a Lógica e a História eram capazes de me fornecer para me defender dessa investida. Logo, não foi de modo algum, ou voluntariamente, ou por audácia, que debite fatos que tendiam a persuadir que os Ateus não são necessariamente mais desregrados em seus costumes que os Idólatras. As Leis da Disputa e o direito que cada um tem de se defender das Objeções as quais vê que sua Tese é exposta, me impuseram indispensavelmente essa conduta. Muito bradaram contra essa passagem de minha Obra e muito se empenharam para fazê-la passar por perigosa. Então fui obrigado a sustentá-la enquanto

<sup>4</sup> (2) Ver o prefácio da 3ª edição. (N. do A.)

<sup>5</sup> “[...] qui l’eût rendue mal propre à persuader ce qu’il falloit que je demonstrasse”, no original. (N. do T.)

a razão e a verdade me permitiram; e por conseqüência ninguém deve se chocar se adverti meus Leitores, quando a ocasião se apresenta, que a História ensinanos que tais e tais pessoas que negaram ou a Existência, ou a Providência de Deus, ou a imortalidade da Alma, não deixaram de viver como pessoas honestas. Esta afetação, que seria talvez um justo motivo de escândalo em um outro Livro, de modo algum o é no meu: pelo contrário, ele pode servir de instrução para meus leitores, porque mostra que eu não afirmei um Paradoxo por um princípio de vaidade, mas uma Observação que, no fundo, é muito certa e que só pareceria falsa àqueles que não a examinassem. Nada é mais chocante que um homem que para distinguir-se, empenha-se temerariamente em se afastar do caminho percorrido; e se há Escritores que se tornaram suspeitos desse lado, não por sua falta, mas porque os Leitores não conhecem o fundo do trabalho<sup>6</sup>, nada deve ser mais edificante do que ver que esses Autores se justifiquem.

XIII. Para tirar inteiramente as suspeitas de uma afetação viciosa, tive o cuidado de observar todas as vezes que eu pude os maus costumes dos Ateus<sup>7</sup>. Se eu não o fiz com mais freqüência, foi devido somente à falta de matéria. O Público soube que exigi que me indicassem exemplos<sup>8</sup>; ninguém se deu a esse trabalho e eu ainda não pude nada descobrir por minhas buscas. Não pretendo negar que em todos os países de todos os tempos não houve pessoas que suprimissem por seus deboches, e por longos hábitos criminais, a fé explícita da Existência de Deus; mas a História não tendo conservado seu nome, é impossível falar. É provável que entre esses bandidos e esses assassinos de aluguel, que cometem tantos crimes, há quem não tenha Religião; mas o contrário é ainda mais provável, visto que tantos malfeitores que passam pelas mãos do carrasco, não há como serem encontrados Ateus<sup>9</sup>. Aqueles que os preparam para a morte os acham sempre bastante dispostos a desejar a felicidade do Paraíso. Como para esses profanos mergulhados na glotonaria, que ao julgamento do Padre Garasse e muitos outros Escritores são francos Ateus, não devo levá-los em conta; porque não se tratava daqueles que se

<sup>6</sup> “[...] le fonde du affaire”, no original. (N. do T.)

<sup>7</sup> (3) *Como no Artigo de BION Borysthenite, e de CRÍTIAS.* (N. do A.)

<sup>8</sup> Ver as Adições aos Pensamentos sobre os Cometas, p. 86. Ver também pág. 75. (N. do A.) (4).

<sup>9</sup> (5) *Falo assim porque não me lembro de ter lido Relações no tocante ao Ateísmo final dessas pessoas, nem ter entendido falar.* (N. do A.)

chamam Ateus de prática, pessoas que vivem sem nenhum medo de Deus, mas não sem nenhuma persuasão de sua Existência. Tratava-se somente dos Ateus de teoria, como Diágoras, por exemplo, Vanini, Spinoza, etc., pessoas as quais o Ateísmo é atestado, ou pelos Historiadores, ou por seus Escritos. A questão discorre unicamente sobre os costumes dessa classe de Ateus, é a respeito daqueles que exigiu que me indicassem exemplos de má vida. Se eu encontrasse, teria feito uma ampla menção. Não há nada mais fácil que encontrar na História certos celerados os quais as ações abomináveis fazem quase tremer os Leitores; mas, entretanto, eram pessoas as quais mesmo as impiedades e as blasfêmias são uma prova que elas acreditavam na Divindade. Eis uma decorrência natural da Doutrina constante dos Teólogos, como o Demônio, a mais má de todas as criaturas, mas incapaz do Ateísmo, é o promotor de todos os pecados do Gênero humano; porque assim sendo, é mister que a mais possuída maldade do homem tenha o traço da do Diabo, isto é, que ela seja conjunta com a persuasão da Existência de Deus. Uma Máxima dos Filósofos confirma esse raciocínio.<sup>10</sup>

XIV. Se o que venho a dizer é capaz de edificar as boas consciências, visto que elas perceberão que a Tese que as têm assustado concorda muito bem com os princípios mais ortodoxos, não encontrarão o menor motivo de edificação no que vou propor. Que os maiores celerados não sejam Ateus e que a maior parte dos Ateus aos quais o nome chegou até nós tenham sido honestas segundo o mundo, é um caractere da Sabedoria infinita de Deus, é um motivo de admirar a Providência. Ele quis colocar limites na corrupção do homem, a fim que aí possa haver Sociedades sobre a terra; e se ele favoreceu com a graça santificadora um pequeno número de pessoas, ele distribuiu para todos uma graça *repressora*<sup>11</sup>, que como um forte dique retém as águas do pecado enquanto for necessário para evitar uma inundação geral, que destruiria todos os Estados Monárquicos, Aristocráticos, Democráticos, etc. Dizem ordinariamente que o meio o qual Deus se serviu para chegar a esse fim foi o de conservar na alma do homem a idéia da virtude e do vício, e o sentimento de uma Providência que observa tudo, que pune o mal e que

recompensa o bem. Encontrareis este pensamento nos Lugares-comuns da Teologia e em uma infinidade de Obras Ortodoxas. Qual é o efeito natural dessa Proposição? Não é dizer que se há pessoas que Deus não abandona até o ponto de deixá-las precipitarem no Sistema de Epicuro, ou no dos Ateus, são principalmente essas almas ferozes as quais a crueldade, a audácia, a avareza, o furor e a ambição seriam capazes de arruinar rapidamente todo um grande país? Não é dizer que se ele abandona certas pessoas até permitir que elas neguem, ou sua Existência, ou sua Providência, são principalmente pessoas a que as disposições do temperamento, a educação, a vivacidade das idéias de honestidade, o amor pela bela glória, a sensibilidade para a desonra, servem de freio bastante forte para retê-las em seu dever? Eis duas conseqüências que emanam naturalmente do princípio de Teologia que eu relatei acima. Logo, como advertindo meus Leitores em algumas passagens deste Dicionário que os maiores celerados tiveram alguma Religião e que pessoas que não tiveram nenhuma absolutamente viveram segundo as leis da honestidade, eu não disse nada que não concorde com essas duas conseqüências, racionalmente não poderão estar mais chocados.

XV. Será então mais legítimo considerar nisto o dedo de Deus e as deferências admiráveis de sua Providência; ele chega ao mesmo fim por diversas vias: o princípio *repressor* tão necessário para a conservação das Sociedades, como ensinam os Teólogos, exerce sua virtude pelo freio da Idolatria em certos países e em certas pessoas; e pelo temperamento ou pela vivacidade das idéias e do gosto pela honestidade moral em algumas outras. Os Gregos engenhosos e voluptuosos, por aí sujeitos a uma cadeia monstruosa de crimes, tiveram necessidade de uma Religião que os carregasse de uma infinidade de observâncias. Teriam tido muito tempo a dar ao mal, se o grande número de Cerimônias e de Sacrifícios, e de Oráculos não lhes tivesse dado distrações e se os terrores supersticiosos não os tivessem alarmado. Os Citas, povo grosseiro, sem emprego nem hábitos, só tiveram necessidade de desprezar as voluptuosidades, ou de não conhecê-las.<sup>12</sup> Só isso mantinha sua República e os impedia de

<sup>10</sup> (6) Cf. Aristóteles, *Segundos Analíticos*, I, 2. Ver também sua *Metafísica*, 2, I. (N. do A.)

<sup>11</sup> (7) *Eu soube de um teólogo que é sob essa idéia que se fala da Providência de Deus, enquanto ela não permite que os crimes se transbordem até a destruição das Sociedades.* (N. do A.)

<sup>12</sup> *Aurum & argentum perinde aspernantur ac reliqui mortales appetunt... Haec continentia illis morum quoque justitiam edidit, nihil alienum concupiscentibus. QUIPPE ibidem divitiarum cupido est, ubi & usus. Atque utinam reliquis mortalibus similis moderatio & abstinentia alieni foret... Prorfus ut admirabile videatur, hoc illis naturam dare, quod Graeci longa sapientium doctrina, praeceptis-que philosophorum consequi nequeant. Justin, Libr. II, Cap. II. (N. do A.) (8).*

cometer injustiça uns aos outros. Estavam voltados de uma maneira que cada um se contentava com o que tinha. Não foi preciso nem Código nem Digesto para tais povos.<sup>13</sup>

Eis quinze Considerações que me parecem suficientes para tirar o obstáculo que acreditaram encontrar em algumas passagens do meu Dicionário. Elas poderiam servir de assunto para um espesso Livro: contenteime em expô-las rapidamente; porque eu já tratei alhures<sup>14</sup> um pouco mais extensamente, ou tratarei amplamente em uma Obra futura.<sup>15</sup>



---

<sup>13</sup> (9) *Justitia gentis ingenii culta, non legibus, Id. Ibid.* (N. do A.)

<sup>14</sup> (10) *Nos Pensamentos diversos sobre os Cometas.* (N. do A.)

<sup>15</sup> *Ver o Prefácio da 3ª Edição desses Pensamentos.* (N. do A.)